

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação Lato Sensu em História da África

JANAINA DE PAULA ALMEIDA

OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA: PENSANDO SOBRE UM MATERIAL DIDÁTICO

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ALMEIDA, Janaina de Paula.

OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA: : PENSANDO SOBRE UM MATERIAL DIDÁTICO / Janaina de Paula ALMEIDA. -- 2017. 28 f.

Orientador: Marcos dias COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. material didático. 2. Processos de Independência. 3. Portugal. 4. África. I. COELHO, Marcos dias, orient. II. Título.

JANAINA DE PAULA ALMEIDA

OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA: PENSANDO SOBRE UM MATERIAL DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História.

Orientador: Prof. Dr.º Marcos Dias Coelho.

Juiz de Fora

2017

JANAINA DE PAULA ALMEIDA

OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA: PENSANDO SOBRE UM MATERIAL DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História.

Juiz de Fora, \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_.

Banca examinadora

---

Prof. Dr.º Marcos Dias Coelho (UFJF) Orientador.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo e todas as oportunidades abertas para mim até aqui. Aos meus pais todo o meu respeito, carinho e amor pelo incentivo e apoio de sempre. Daniela você faz parte de todas as minhas vitórias, qualquer palavra seria pequena diante de tamanha ajuda, só tenho que deixar meu muito obrigada.

Aos amigos que fiz ao longo da caminhada Juliana nossa grande e responsável tutora, Paula, Tainá, Monica, Andreia e Geovane as motivações e conselhos nos momentos certos, obrigada! Aos colegas dessa pós que mesmo sem saberem, me ensinaram novos modos de ver o mundo, guerreiros e guerreiras de verdade, parabéns pela luta que sempre continua.

Aos grandes professores que passaram por nossas aulas, a dedicação em trazer debates atuais, e mostrar caminhos para grandes pesquisas, em especial a Fernanda do Nascimento Thomaz e Sonia Regina Miranda que desde a graduação me trouxeram inquietações sobre o meu posicionamento como profissional, meu sentimento de gratidão. Ao meu orientador Marcos Dias obrigada por acreditar no meu trabalho e pela paciência.

Dedico a senhora Jovita de Souza Almeida esse trabalho, aonde quer que esteja.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um capítulo em forma de material didático simples utilizando-se do modo convencional, sobre os processos de independência dos países de língua oficial portuguesa- Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe para alunos do Ensino Médio. Para isso, é essencial mencionar a desenvoltura do império português antes da colonização e a forma que se sucedeu em cada país colonizado. Usando como recurso principal uma revisão bibliográfica com historiadores que discutem essa temática em suas obras, sintetizando informações precisas sobre os vários acontecimentos desse período da história

Palavras-chave: material didático. Processos de Independência. Portugal. África.

## ABSTRACT

The present work aims to present a chapter in the form of simple didactic material using the conventional way, on the independence processes of the Portuguese-speaking countries - Angola, Mozambique, Guinea Bissau, Cape Verde and Sao Tome and Principe to highschool student. For this, it is essential to mention the Portuguese empire resourcefulness prior to colonization until the form that has taken place in each colonized country. Using as main resource a bibliographical revision with historians who discuss this theme in his works, synthesizing accurate information about the various events of this period of history

Keywords: didactic material. Processes of Independence. Portugal. África.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPITULO 1: O QUE FOI O IMPÈRIO PORTUGUES .....	12
1.1 COMO FOI A COLONIZAÇÃO.....	13
1.2: CONHECENDO OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA .....	13
1.3 POR DENTRO DE ANGOLA.....	14
1.4 POR DENTRO DE MOÇAMBIQUE.....	16
1.5 POR DENTRO DA GUINÉ BISSAU E CABO VERDE.....	17
1.6 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE .....	19
ATIVIDADES AVALIATIVAS .....	20
CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	22
ANEXOS	
PORTFOLIO .....	24

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar um capítulo de um material didático sobre os processos de independência dos países de língua oficial portuguesa, do continente africano, para alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio devido ao tema abordado que faz parte do conteúdo escolar do século XX, se possível utiliza-lo entre o período das duas grandes guerras mundiais e guerra fria.

Nos deparamos a cada dia pelos telejornais, pelo senso comum, com uma África cheia de estereótipos negativos referentes a doenças, estimativas de morte, pobreza extrema ou os IDHs mais baixos do planeta. Não convém a esse trabalho julgar tais concepções, mas sim mostrar um pouco do processo histórico desencadeado pelas independências dos países africanos de língua oficial portuguesa.

É importante que esse tema esteja presente na sala de aula, pois além de ser um continente com múltiplas questões ainda inexploradas, esses países foram colonizadas por Portugal, que também descobriu e colonizou as terras brasileiras. A proximidade existente entre a história desses países foi estreitada à nossa história nacional por meio do tráfico atlântico- e pauta muitas questões, sobretudo culturais, presentes no nosso país.

É essencial que o capítulo comece a partir do império português e sua chegada ao continente africano para que seja evidenciado como se iniciou a colonização dos países onde se desencadeia os processos de independência. Cada país possui uma trajetória diferente influenciada por seus partidos políticos, seus habitantes e também as inúmeras pressões internacionais.

Após apresentar a colonização portuguesa em cada território, a proposta será trabalhar com a atualidade do processo de emancipação política, visto que os livros didáticos “em muitos casos” ainda apresentam a África do oceano Atlântico através da extração de africanos para serem escravizados, sendo importante refletir sobre a Partilha da África no final do século XIX e suas consequências.

Ao longo do material didático será apresentado mapas sobre os países atualmente, para que os alunos tenham uma visão “atual” desses países africanos, Tentando não cometer o erro alertado por Anderson Ribeiro Oliva (2003,443) que diz “Quase sempre, a África aparece em óbvias passagens da História do Brasil ou Geral, ligada à escravidão, ao domínio colonial no século XIX” Ou seja, muitas vezes o continente africano aparece somente em função do tráfico de escravizados, e até o fim do imperialismo do século XIX. As imagens selecionadas

para compor o material didático, foram retiradas de sites com domínio público, possuindo fácil acesso para os alunos.

Vale ressaltar que o material didático a seguir, foi resultado de uma revisão bibliográfica entre duas obras principalmente, a primeira se trata do livro da historiadora Armelle Enders professora de história do século XIX e colonização europeia na Universidade Paris 4, que também possui alguns livros com destaque nacional sobre a história brasileira, e o Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Ao longo de todo o livro intitulado “História da África Lusófona” a autora faz uma descrição bem minuciosa da relação existente entre o Império português e a África desde a conquista de Ceuta em 1415, até o fim dos processos de independência.

Uma segunda obra bastante citada e utilizada ao longo do material, é o livro “Países africanos de língua oficial portuguesa, reflexões sobre história, desenvolvimento e administração”, resultado do Seminário realizado em São Paulo, em 1992 na FUNDAP – Fundação de Desenvolvimento Administrativo de São Paulo – contendo discussões sobre os problemas enfrentados pelo continente africano durante o século XX. Os capítulos desse livro trazem detalhes minuciosos e substanciais para a completude de todo o material didático.

O trabalho constitui-se então em uma revisão bibliográfica sobre os processos de independência. Cabe ressaltar a tentativa de produzir esse material inicial de uma forma simples que como muitos livros didáticos apresentam os variados assuntos dentro do campo da história: textos, imagens, boxes ilustrativos e atividades avaliativas.

Ao término do capítulo temos as atividades avaliativas, e constam três atividades de fixação do conhecimento abordado ao longo do capítulo. A atividade de número 1 busca que o aluno tenha compreendido as funções dos partidos políticos dentro dos processos de independência. Na atividade 2 é desejável que o aluno faça um paralelo entre dos domínios portugueses antes do século XX, e os seus interesses diante da colonização.

Por fim a atividade de número 3, busca despertar o interesse do aluno pela produção de jogos envolvendo a temática dos processos de independência. Cada um possui a opção de escolher um país que foi trabalhado ao longo do capítulo e utilizando os principais acontecimentos produzir uma cruzadinha, ou jogo do seu interesse.

Em anexo ao material didático é possível encontrar o portfólio, escrito ao longo de todo o curso, partindo da minha experiência pessoal como aluna de uma Especialização em História da África para a área educacional de uma historiadora, que é ser professora.

---

<sup>1</sup> As informações utilizadas sobre a historiadora Armelle Enders, encontram-se em uma edição especial da Folha online intitulada “Brasil por historiadores” que possui entrevistas rápidas com alguns historiadores sobre os principais fatos do país. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/fo1/brasil500/entre\\_8.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fo1/brasil500/entre_8.htm). Acesso em: 10.jan.2017.

Reintegro aqui a minha inexperiência em sala de aula, e a tentativa inicial do portfólio foi fazer uma proposta para o 9º ano do ensino fundamental, trabalhando mais com mapas africanos, sem poder verificar um retorno dos alunos sobre essa dinâmica, deixo como uma realização futura.

UM POUCO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NO SÉCULO XX  
OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA.

CAPITULO 1: O QUE FOI O IMPÉRIO PORTUGUES

Portugal começa a se destacar como potência marítima a partir do século XV, ampliando seus domínios para além mar. Chegando ao território da Guiné em 1446, encontram uma região pantanosa, banhada por dois rios. Inicialmente, o que chama atenção dos portugueses em terras africanas é a abundância de mão de obra, pois as riquezas demorariam um pouco a ser descobertas, em 1479 já está reconhecido o monopólio português na região da Guiné e da Costa do Ouro.

Os domínios de Portugal na África no início do século XIX estavam constituídos pelos três governos gerais de Cabo Verde e Guiné, Angola e Moçambique e se juntavam aos governos de São Tomé e Príncipe e de São João Baptista de Ajudá. As regiões de Guiné e Cabo Verde encontravam-se abandonadas e eram administrativamente ligadas até o ano de 1879. Angola era a única possessão que possuía grande território no início do século XIX, sendo dividida em dois reinos: Benguela e Angola, enquanto Moçambique no início do século tratava-se de várias possessões dispersas (ENDERS,1994, p.50).

Vemos que a metrópole portuguesa já tinha um certo conhecimento sobre as terras africanas. Em 1876, organizada por Rei Leopoldo, acontece em Bruxelas uma conferência científica com o intuito de debater os interesses das potências europeias sobre os territórios em África, fundando assim a Associação Internacional Africana (A.I.A). (ENDERS, 1994,63).

O interesse sobre o continente africano está presente por toda a Europa, e a Conferência de Berlim é feita em 1885 sendo um pontapé inicial para a política de colonização na África, onde catorze países se reuniram para solucionar o problema de comércio no Congo e os novos rumos da colonização e da partilha de territórios ainda desconhecidos, sem a preocupação com os habitantes das regiões, suas culturas e costumes. Segundo Majhemout Diop (2010,67) “o período de 1935 a 1945 foi chamado “a idade de ouro da colonização” é considerado como o apogeu da era colonial”.

## 1.1 COMO FOI A COLONIZAÇÃO

Terminada a conferência de Berlim, como vimos antes, Portugal sai com um vasto império na África Central (ENDERS,1994,66), que impulsionou ainda mais a sua expansão ultramarina foram: as questões econômicas, pois havia aumentado o número de territórios melhorando assim sua exportação de produtos; a descoberta de mão de obra nativa para o trabalho e os fatores cristãos que significam conquistar novos domínios e civilizar os povos com sua cultura, evangelizando assim os africanos.

É importante dizer que os povos colonizados por Portugal resistiram desde fugas do trabalho forçado à revoluções abertas, e como as guerras se tornaram frequentes, ocorreram muitos gastos com forças militares. Entre 1841 e 1920, aconteceram cerca de 72 campanhas militares na Guiné e 160 em Moçambique. (ENDERS,1994,70).

As duas grandes Guerras Mundiais influenciaram em grande parte o período colonial. Portugal, com o advento da primeira Guerra, perde muitos homens nas disputas internas em batalhas com outros países europeus como a Alemanha (ENDERS, 1994,71). As pressões internacionais fazem parte de todo o processo do colonialismo no século XX. Em 1910 acontece o fim da monarquia, onde houve a criação da legislação portuguesa para as colônias e implantação da república em Portugal e, posteriormente, em 1914, foi decretada uma lei que previa a autonomia financeira das colônias, onde elas podem viver com suas receitas fiscais, deixando de receber ajuda da metrópole, gerando desta forma autonomia para as colônias e seus governadores gerais (ENDERS, 1994, 77).

A partir de 1933 Portugal vive em uma ditadura e o país passa a ser governado por Antônio de Oliveira Salazar, chamada comumente de ditadura salazarista, com características fascistas, havendo a diminuição de direitos e autoritarismo no poder, sendo as colônias portuguesas cada vez mais controladas pelo governo português. (MOURÃO,1992, 46-47).

Até a década de 1960 os africanos das colônias portuguesas ainda não tinham direito à cidadania, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial há uma pressão contra o colonialismo, culminando nos processos de independência que se iniciam nesse período.

## 1.2: CONHECENDO OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA

A ocupação efetiva das colônias pelos portugueses ocorreu entre os anos de 1913 e 1915. A divisão político administrativa das colônias estava nas mãos de pessoas escolhidas

pela metrópole, como os governadores gerais, (em Angola e Moçambique) que andavam de acordo com a Assembleia Nacional Portuguesa.

Os movimentos literários tiveram papel fundamental de mostrar os valores culturais africanos e suas críticas aos processos coloniais a partir da segunda metade do século XX. Um exemplo é caso da revista angolana “Mensagem” que traziam em suas páginas reflexões sobre as injustiças do processo de “assimilação”. Existiram também publicações sobre os abusos coloniais em Moçambique como o jornal “O Brado Africano” (HERMANDEZ,1992, 62). O processo de independência da maioria das ex-colônias portuguesas esteve ligado a intenção de integrar o território nacional, e formar uma nação, por meio de um projeto desenvolvido pelo Estado nacional e pelo partidos políticos que em cada país desenvolveram um papel diferente como veremos abaixo.

O início para as ideias anticolonialistas ocorreu de forma lenta e estavam presentes em quatro congressos pan-africanos que ocorreram entre os anos de 1919 e 1927. Em 1945 o congresso realizado em Manchester reuniu membros das colônias de colonização inglesa e colocaram as independências como maior reivindicação. (HERMANDEZ, 1992, 63). Em Portugal existiu a Casa dos Estudantes do Império que reuniu estudantes e pensadores africanos das diferentes colônias portuguesas. Lá eram discutidos conceitos e assuntos essenciais para o debate ideológico sobre a situação colonial e, mundial que se colocava para o continente africano.

### 1.3 POR DENTRO DE ANGOLA



*Figura 1: Mapa de Angola*

A proclamação da república de Portugal em 1910, o regime salazarista, acrescentando as pressões internacionais dos - Estados Unidos e da URSS, por exemplo-, são o pano de fundo para o surgimento dos processos de independência. No caso de Angola, iniciamos esse tema com a criação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) em dezembro de 1956 fundado por nacionalistas angolanos, dentre os quais podemos citar Agostinho

Neto, primeiro presidente do país.

Fazendo um panorama econômico sobre Angola, verificamos em seu grande território a produção de café, algodão, plantações de palmeiras que participavam ativamente das

exportações. Os movimentos nacionalistas ganham força sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, onde vários cidadãos africanos iam para Lisboa estudar e lá entravam em contato com os estudantes portugueses e com a luta contra a ditadura de Salazar. A partir dos anos 40, esses estudantes conseguiram estabelecer associações com o Partido Comunista Português (PCP), que foi o único partido político na metrópole a defender as independências das colônias. Esta plataforma política estava em vigor no PCP desde 1957. (ENDERS, 1994, 91).

O país possuía uma disputa étnica entre os povos Bacongo que foram partilhados entre Angola e o Congo Belga, surgindo assim o partido UPNA (União das Populações do Norte de Angola) que posteriormente se tornou a UPA (União das Populações de Angola) abrindo-se aos habitantes de Angola, pois antes lutavam por questões referentes ao Congo e então passaram a lutar pela independência angolana. (ENDERS, 1994, 93).

As guerras coloniais começaram em Angola, em 1961. Na região algodoeira da Baixa de Cassange aconteceram motins no início desse ano e foram reprimidos severamente pelas tropas portuguesas. O MPLA faz ataques armados na capital angolana, bem como ocorrem ataques sangrentos organizados pela UPA, a guerra foi instalada em Angola e com falta de militares, os próprios colonos tomaram as frentes de batalha. (ENDERS, 1994, 97).

Em 1962 a UPA se transforma na FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), em 1966 um terceiro partido nacionalista surge, a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), acentuando mais as divergências entre os partidos. (ENDERS, 1994, p. 98).

O processo de independência angolano foi muito complexo envolvendo longas guerras, sem a desistência dos portugueses, uma situação agravante foi que nenhum de seus partidos políticos pretendia representar o povo angolano. Alguns acordos foram assinados em 1975 entre Agostinho Neto do MPLA e os portugueses, deixando o governo dividido em quatro partes. Nesse contexto explosivo, em 11 de novembro de 1975 o MPLA proclamou a República Popular de Angola, a FNLA passou a dominar o norte do país e a UNITA ficara controlando a região central da antiga colônia, com instauração da República Popular e Democrática de Angola (ENDERS, 1994, p. 108).

A OUA (Organização da Unidade Africana) reconheceu oficialmente, em 1976, a República Popular de Angola. A UNITA, que nesse momento estava enfraquecida, continuou comandando as guerrilhas nos seus bastiões do sudeste. Com esse fim temporário dos combates, o país passou por graves problemas econômicos e sofreu com as sabotagens

realizadas dentro de Angola, pois as guerrilhas envolvendo UNITA, FLNA devastaram cidades, trazendo a miséria e fome. (ENDERS, 1994, p. 121).

Em 1978 morreu Agostinho Neto, recomeçam as guerras e Angola mergulha na miséria. Em 1987 o então presidente José Eduardo dos Santos anuncia uma política de rigor que se submeteu muito às determinações do FMI, provocou o afastamento com a URSS e permitiu às facções angolanas um caminho para a paz em 1991 chegando mais perto de um multipartidarismo no país (ENDERS, 1994, 123). Após muitos conflitos entre os partidos e



uma longa guerra civil, com intervenções militares, da igreja católica e de outros países, a guerra civil termina em 2002 em Angola.

#### 1.4 POR DENTRO DE MOÇAMBIQUE

Moçambique possui um longo histórico de revoltas em suas terras. Durante o século XX podemos destacar a greve dos ferroviários de Lourenço Marques (nome antigo de Maputo) no ano de 1917, a greve dos portuários dois anos depois.

Mais tarde em 1961 ocorre a criação da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) (ENDERS, 1994, 49).

*Figura 2: Mapa de Moçambique*

No norte da província, em 1964, um grupo de guerrilheiros da FRELIMO passa ao ataque (ENDERS, 1994,99). Um acordo prevê a data de sua independência para 25 de junho de 1975.O Acordo de Lusaka foi assinado em setembro de 1974 entre a FRELIMO e o governo colonial português, visando colocar um fim à guerra. O partido pretendia a independência total de Moçambique, que só ocorreu mais tarde em 1975.

Uma figura importante para a história de Moçambique foi Samora Machel que presidiu a delegação da FRELIMO e mais tarde se tornará o primeiro presidente de Moçambique independente. Nesse período, várias manifestações extremistas agitaram os grandes centros urbanos, e alguns grupos clandestinos formados por colonos moçambicanos e portugueses surgiram, com a intenção de impedir a vitória da FRELIMO, piorando ainda mais as disputas já existentes entre os partidos políticos. O projeto político da FRELIMO previa construir um Estado-nação como aqueles encontrados na Europa. (ENDERS, 1994, 116).

Alguns projetos como a agricultura foram colocadas como centro das decisões políticas. Os edifícios antes pertencentes aos colonizadores tornaram-se públicos. Esses novos

processos estipulados no país recém independente, causaram descontentamentos e, em 1977, Moçambique se encontra dentro de uma guerra civil, onde um grupo chamado RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) tem como alvos de ataques as repartições públicas, escolas e todas as instituições que representassem o Estado governado pela FRELIMO (ENDERS, 1994, 117-118).

Devido a situação catastrófica do país gerada pela guerra civil, o governo recorre a ajudas internacionais, como o Banco Mundial. Dentro desse contexto do processo de independência moçambicano, outros países africanos também fizeram parte de suas disputas como a África do Sul, que desde 1975 presta apoio as guerrilhas e foi parceiro econômico de Moçambique. Em 1986, morre Samora Machel o primeiro presidente de Moçambique independente, que é então substituído por Joaquim Chissano, também pertencente a FRELIMO que em 1992 assina acordos com Afonso Dhlakama líder da RENAMO partido de oposição ao governo, que põe fim a 15 anos de guerra que deixaram milhares de mortos. A RENAMO e FRELIMO contribuíram com 30 mil homens cada para reestruturar o exército moçambicano e em 1994 os moçambicanos elegem o presidente da república Joaquim

Chissano, eleição feita sob o exercício inédito da cidadania. (ENDERS, 1994,119-120).



### 1.5 POR DENTRO DA GUINÉ BISSAU E CABO VERDE

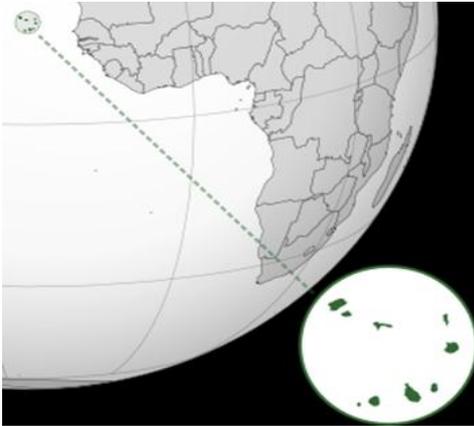
A ocupação e chamada “pacificação” do território da Guiné acontece em 1913-1915. Em 1956 é criado o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) que se deu sob a união desses dois territórios colonizados para a luta anticolonial (MOURAO,1992, 50).

O despertar de uma sociedade em tempo difíceis é sempre cultural, o primeiro movimento literário africano importante nasce em Cabo Verde nos anos 30, onde intelectuais e artistas começam a publicar uma revista chamada “*Claridade*” que valoriza a expressão dos movimentos negros e seus pensamentos. (ENDERS, 1994, 89-90).

Acontece uma ligação entre os partidos MPLA e PAIGC onde os guineenses e angolanos se unem em 1957 com a formação de um Movimento Anticolonialista, o MAC, que os representa em cena internacional na CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas

das Colônias Portuguesas) e dão seu discurso no ano de 1961, se unindo no ano seguinte a FRELIMO (ENDERS, 1994, 92).

Houve uma forte repressão portuguesa contra uma greve dos marinheiros e estivadores que ocorreu em Bissau. Por esse motivo o PAIGC, em 1961, muda sua concepção pacificadora para uma insurreição nacional e cria instituições nas regiões que já estão libertadas. O território da Guiné é favorável para as guerrilhas contra os militares portugueses, fazendo com que eles fiquem até mesmo com medo de entrar em combate. (ENDERS, 1994, 99).



Em maio de 1968, o governo português nomeia o general Antônio de Spínola governador e comandante, chefe das forças portuguesas, e ele propõe um colonialismo renovado, apelando para as particularidades étnicas, buscando uma “Guiné melhor”. O comandante tenta uma aproximação maior com o PAIGC, mas é impedido por Marcelo Caetano, um político português do período salazarista que defende mais a honra portuguesa do que a política de fazer acordo com “terroristas”. (ENDERS, 1994, p.102).

A independência da Guiné-Bissau é reconhecida em agosto de 1974, o PAIGC se constituía como um partido que possuía união entre os seus membros e um histórico de vitórias a favor dos seus habitantes, apresentava um projeto de sociedade.

*Figura 4:Localização de Cabo Verde*

Os portugueses deixam o país em outubro de 1974 e inúmeros problemas são deixados para trás, na economia e principalmente na agricultura, passando a buscar então apoio internacional de países como Cuba, França, Holanda e Brasil (ENDERS, 1994, 111).

A separação entre Guiné Bissau e Cabo Verde ocorre em 1975, quando Cabo Verde consegue uma grande autonomia. No entanto, partilhavam do mesmo partido político, o PAIGC. Mais tarde, em 1980, o primeiro ministro João Bernardo Viera derruba João Cabral, o então governante, e os cabo-verdianos são afastados da direção de Guiné Bissau. Cabo verde torna-se uma “democracia nacional revolucionária” e são orientados pelo PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde) e a reabertura para novos partidos só acontece em 1991. (ENDERS, 1994, 113-114).



## 1.6 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe possui território marcado por levantes populares, onde um dos mais significativos para o processo de independência foi o Massacre de Batepá, um levante de trabalhadores que foi sufocado com violência, ocorrido em 1953 devido as relações do sistema colonial, representando um símbolo da identidade nacional. Este acontecimento está ligado a formação do CLSTP (Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe) em setembro de 1960. (ENDERS, 1994, 50).

*Figura 5: Mapa de São Tomé e Príncipe*

A maioria da população africana presente na ilha estava concentrada na zona rural, nas plantações de cacau e café, vivendo em regime de escravatura por meio de contratos. Alguns dados permitem ter uma noção dessa situação. Por exemplo entre 1901 e 1928 entraram em São Tomé quase 100 mil contratados vindos de países como Angola, Moçambique e Cabo Verde. (MOURAO, 1992, 50).

A independência das duas ilhas aconteceu em 12 de julho de 1975, após greves e um motim realizado no ano de 1974, ano em que é formado o Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe, culminando no primeiro governo da República Democrática de São Tomé. As plantações de cacau foram nacionalizadas e passaram a fazer parte de sua economia de exportação. O estado de São Tomé obtém excelentes resultados na área da educação, se destacando como tal perante todo o continente africano.

Vimos ao longo de todo esse capítulo um pouco do que foi o império português, a colonização nos territórios africanos que culminaram nos processos de independência. Um capítulo que faz parte da história desses países, e também da história mundial sobre os acontecimentos presentes no século XX, que refletem até os dias atuais.

## ATIVIDADES AVALIATIVAS

Atividade 1: Trabalhando em grupos: Reúna - se em grupos de no máximo 4 pessoas, analise o texto do capítulo e discuta qual função exerceu cada partido político dentro dos processos de independência dos países de língua oficial portuguesa. (É necessário a entrega de um texto por escrito).

Atividade 2: Explique quais eram os domínios de Portugal na África no século XIX, e quais eram seus interesses de colonização.

Atividade 3: Escolha um país (Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde ou São Tomé e príncipe) e produza uma cruzadinha, ou algum jogo de seu interesse envolvendo os principais acontecimentos dos processos de independência.

## CONCLUSÃO

A proposta desse recurso didático, foi trazer os principais acontecimentos referentes aos processos de independência dos países africanos de língua oficial portuguesa de forma simples e objetiva. Tomando cuidado com expressões generalizantes, e não reforçar estereótipos já presentes em outras publicações.

É possível que após a leitura desse material, os alunos do ensino médio tenham contato com esses processos de independência, conhecendo mais sobre esses países e ampliando ainda mais suas visões sobre os aspectos referentes a esses processos que envolvem fatos tão complexos que resultaram em muitos anos de guerras civis.

Chegando ao fim do Curso de Especialização em História da África, é possível verificar que muitos caminhos ainda precisam ser percorridos. Há ainda muitos temas importantes para serem trabalhados em sala de aula, nesse trabalho sugerimos de maneira simples essa temática que se abre para uma discussão mais ampla, em torno dos materiais didáticos produzidos atualmente no Brasil. O que possui prioridade em estampar as páginas dos livros? Existe um cuidado em verificar a autenticidade dos fatos? São alguns questionamentos importantes a serem feitos sobre esses novos recursos.

Fica um convite a todos os leitores, principalmente professores, o trabalho em sala de aula com essa temática, que apresenta várias mobilizações de resistência, agentes transformadores de suas próprias realidades e uma repercussão e influencia mundial. Ao mencionar o século XX é essencial pensar nas questões que envolvem o continente africano, a capacidade de mobilização e força dos habitantes desses países em seus processos de luta pela independência

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIOP, Majhemout; BIRMINGHAM, David; HRBEK, Ivan ; MARGARIDO, Alfredo; NIANE, Djibril Tamsir. A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. **História Geral da África: África desde 1935**. Vol. VIII Brasília: UNESCO,2010.

ENDERS, A. **História da África Lusófona**. Lisboa: Editorial Inquérito,1994.

FUNDAP. **Países africanos de língua oficial portuguesa. Reflexões sobre história, desenvolvimento e administração**. São Paulo: FUNDAP, 1992. 192p. (Textos Elaborados para o Seminário sobre Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, FUNDAP, 1 a 12 de julho de 1991).

MAZRUI, Ali. A. “**Procurai primeiramente o reino político...**”**História Geral da África: África desde 1935**. Vol. VIII. Brasília: UNESCO,. 2010. Cap.5.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática**. Revista Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n. 3, set./dez. 2003.p 421- 461.

## SITES CONSULTADOS

As figuras utilizadas no trabalho, 1,2,3,4 e 5 foram retiradas de site que possuem domínio público.

Disponível em: <<http://migre.me/vQOgG>>. Acesso em: 09.jan.2017.

Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/entre\\_8.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/entre_8.htm)>.Acesso em: 10.jan.2017.

Disponível em:< [http://www.suapesquisa.com/paises/guine\\_bissau/](http://www.suapesquisa.com/paises/guine_bissau/) >.Acesso em: 10 jan.2017.

Disponível em: <http://www.independenciaslusa.info/ficha-de-mocambique/>. Acesso em: 09 jan. de 2017.

Figura 1: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>>. Acesso em: 09.jan.2017.

Figura 2: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique>>. Acesso em: 9 jan.2017.

Figura 3 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9-Bissau>>. Acesso em: 9 jan.2017.

Figura 4 Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo\\_Verde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde)> Acesso em: 10.jan.2017.

Figura 5: Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Tom%C3%A9\\_e\\_Pr%C3%ADncipe](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe)>. Acesso em: 9.jan.2017.

## PORTFOLIO

Iniciei a pós-graduação pensando na disciplina que tinha sido uma das mais fascinantes pra mim na graduação em história, “História da África”. Sabia que seria destinado a professores da escola pública, mas com aquela disciplina da graduação em mente entrei pela demanda social e logo no primeiro dia me deparei com uma sala incrível: mulheres de maioria negra, professoras(r), mães, pedagogas e de vários outros cursos, e a idade também chama atenção pela diversidade. Então vi que naquele momento eu passava a ser uma minoria, em relação ao alunos recém formados em história, minoria é bom enfatizar não em sentido pejorativo e sim de ser uma das mais novas, sem experiência em sala de aula. Ou seja, a partir de então meus ouvidos começaram a ser bem mais trabalhados para o ouvir.

Ao longo dos módulos buscava a tal História da África que eu pensei ter aprendido na graduação, a cultura, a imensidão de países, a religião, a figura do *griot* e toda historiografia acadêmica brasileira e estrangeira em estudar uma África com as suas particularidades, retirando a noção de ser um país, e etc. e a cada aula via que as discussões caminhavam para uma questão étnico-racial, que eu não entendia, pensava : “- mas o curso é de história da África, poderíamos explorar mais o continente’!. E as aulas seguiam.

Então a partir do momento em que aquelas quase 70 pessoas diferentes, começaram a conhecer a liberdade para se pronunciar, foi que eu comecei a rever o que eu pensava de História da África e o que ela realmente poderia representar. A cada assunto que surgia, um depoimento sobre preconceito racial vinha à tona, um exemplo de preconceito dentro da sua aula, exemplos de uma professora da escola, exemplos daqueles 6º anos terríveis e os depoimentos mais impactantes eram daqueles que estavam assistindo aula, ali bem perto de mim e sofrem preconceito diariamente pela cor da sua pele, pelo cabelo como ele é, enfim durante a vida toda.

E muitas vezes saía da aula dizendo para mim mesma: “eu nunca sofri preconceito na vida”. Desde então eu tento entender o que realmente possuía de África naquela sala, e vejo que a África realmente está em mim, estão nos meus colegas de turma, e nas suas salas de aula, e que a minha História da África precisa ser ligada com as questões étnico-raciais pois dizem qual nossa origem, porque essa diversidade de pessoas no Brasil, e qual é o meu papel perante a sociedade.

Pois então aquela África cresceu mais do que eu imaginei, ela transcende um continente, ela atravessa gerações, encontra meus ancestrais e precisa ser levada pra sala de aula. A história do negro no Brasil, uma história contada por dois lados, não apenas o branco, elitizada e discussões envolvendo preconceito em sala de aula precisam ser revistas e pensadas, e não somente em sala de aula, mas pela sociedade como um todo.

A escrita sobre mim segue em construção...em cada aula, módulo, ouvindo experiências que deram certo de professores(as) conceituadas, principalmente a professora Perses que me chamou a atenção até mesmo pela emoção em falar dos seus alunos e o espaço conquistado por eles na “salinha”. E o preconceito realmente existe, vi que eu já passei por ele também de alguma forma na minha vida, compreender esses fatores nos impulsionam a modificar o modo de ver o mundo, e auxiliar as pessoas na hora certa.

Ao longo de nossas aulas pudemos ter contato com várias experiências dentro e fora da sala de aula. Grandes professores nos trouxeram suas vivências, e alguns métodos que deram certo. Sônia Miranda além de suas aulas expositivas, nos levou dentro do universo de uma favela carioca a Maré foi quando me perguntei: “quantas Marés cabem dentro da Maré?” “Quantas histórias e pessoas dentro daquelas salas, e principalmente na palafita”.

A professora de geografia Perses também nos mostrou a força de uma “salinha” espaço de leitura e de reconhecimento por parte dos alunos, foi necessário para aquela realidade carioca, esse espaço de cultura, leitura, danças onde os alunos se e sentiam pertencentes e acolhidos pela escola.

Atualmente não estou inserida em sala de aula, mas trabalho no Caed com a produção das avaliações em larga escala de história. Minhas ações passam o tempo todo pelo meu trabalho diário, busco sempre colocar nas questões textos, imagens que abarquem temas e situações referentes ao continente africano, e a cultura indígena, utilizando os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos principalmente dentro de temas referentes a identidade brasileira e outros.

Utilizo dessa forma todo o conteúdo trabalhado pelo curso de pós graduação, mesmo não tendo contato diário com os alunos, sei que nossas provas chegarão a eles e dessa forma terão contato com textos imagens e mapas atualizados, que expõe a situação atual do continente, tomando o cuidado com a utilização de materiais mais atuais e confiáveis.

Enfim minha ação na área da educação no momento passa pelo meu trabalho com a avaliações em larga escala. Gostaria de aproveitar esse texto do portfólio e deixar meus agradecimentos por esse valioso curso de especialização que chega na sua reta final. Cada professor que passou por nós deixou uma mensagem otimista em relação a educação e nos trouxeram novos temas, ações concretas, métodos e pesquisas que dão certo. Ser professor exige muito estudo e atualizações constantes, e vemos que cada vez mais pesquisas sobre o continente africano surgem, e a temática é introduzida dentro das escolas brasileiras.

A minha proposta é voltada para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e parte de uma mudança nas aulas de história, aonde o mapa da África precisa ser melhor explorado e questionado pelo professor. Antes de se iniciar o assunto sobre África, sugiro que o professor pergunte aos alunos os nomes dos países africanos que vem a cabeça deles, feito isso será distribuído um mapa (como mostrado abaixo) em branco da África e os alunos terão que escrever aonde eles acham que os países ficam.



Enfim a minha relação com a história da África está somente começando, pois ainda não possuo experiência efetiva em sala de aula, estou ciente que estas questões podem aparecer a qualquer momento dentro da sala de aula. Sei também que daqui a alguns meses mudarei o discurso, e espero que sim, reflexões mais maduras sempre são bem vindas, mas por enquanto deixo aqui o relato dessa minha história da África, que ajudo a redescobrir a cada dia.